



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**

LETRAS

JULIANA DE SOUSA NASCIMENTO

**MEMÓRIA E ESPAÇO:
Elementos da ficção de Rubem Fonseca na obra “José”**

**BRASÍLIA – DF
Dezembro/2011**

JULIANA DE SOUSA NASCIMENTO

MEMÓRIA E ESPAÇO:

Elementos da ficção de Rubem Fonseca na obra “José”

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – , tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

BRASÍLIA – DF

Dezembro/2011

JULIANA DE SOUSA NASCIMENTO

MEMÓRIA E ESPAÇO:

Elementos da ficção de Rubem Fonseca na obra “José”

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB –, tendo como orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia (Orientadora)

Profª Drª Maria Eneida Rosa (UniCEUB)

Profª Especialista Maria Helena Viana de Souza (UniCEUB)

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus que a cada dia me abençoou com sabedoria, saúde, fé e esperança para que eu possa empenhar-me nos estudos e a não desistir, mesmo quando surgissem os obstáculos.

Ao meu pai que contribuiu para o meu crescimento pessoal, mesmo que distante; pelo incentivo, pela força e a coragem. Uma grande saudade.

À minha mãe por sua amizade, compreensão, estímulo, fé e apoio incondicional desde sempre. A base da minha família.

Ao meu irmão, Alberto Sales do Nascimento Júnior, que me acompanhou durante toda a trajetória do curso de Letras, pela paciência, pela confiança, pela parceria e por sua generosidade em compartilhar o seu conhecimento. Meu querido amigo.

Aos meus queridos amigos que me acompanharam nesta experiência desde o meu início no Curso de Graduação de Licenciatura em Letras: Valdenora Gomes de Araújo Lima, Zaira Aguiar do Amaral, Mônica Jordania Soares da Silva, Quelubia Cardoso Coelho, Paulo Henrique Rios do Nascimento, Carla Juliana Gomes dos Santos e Queila de Souza Lima.

Aos professores da Instituição de Ensino Superior UniCEUB que me ensinaram que na realidade a vida é uma escola onde todos nós, a cada dia, somos um eterno aprendiz.

Agradeço a Deus por tudo que ocorreu durante o procedimento para a elaboração deste trabalho, principalmente pela saúde e sabedoria.

À minha família pela paciência na elaboração e finalização desta monografia. Em especial ao meu irmão. Obrigada a todos pelo apoio.

À minha orientadora professora doutora Ana Luiza Montalvão Maia, pela amizade, pelo respeito, pela sua generosidade e sabedoria. Com dedicação, esforço e suporte, me guiou com os instrumentos necessários para a elaboração desta monografia e para a finalização do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras. Muito obrigada.

“É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada”.

Luis Buñuel

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo a respeito da grande importância que a categoria da memória tem na obra de Rubem Fonseca. O *corpus* da pesquisa, a obra “José” (2011) constitui-se a base dos futuros trabalhos do autor, ao utilizar, pelo viés mnemônico, as recordações de sua chegada ao Rio de Janeiro, nos anos 30, oriundo de Juiz de Fora. A pesquisa realizada, em caráter qualitativo, sustenta-se na pesquisa bibliográfica e são destaques os seguintes argumentos de autoridade como Maurice Halbwachs, Edward Said, Karl Erik Schollhammer, Vera Figueiredo, dentre outros e a análise detalhada do objeto de estudo objetiva, não só possibilitar o estudo da leitura escolarizada, de textos contemporâneos, como também despertar nos alunos uma maior interação com a obra de arte literária que representa simbolicamente a realidade, pois essa interação propicia ao aluno desenvolver uma leitura crítica da aldeia global da qual faz parte.

Palavras-chave: memória – produção literária – leitura crítica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 01: Memória e Literatura	10
CAPÍTULO 02: Rubem Fonseca e Literatura Brasileira Contemporânea	15
CAPÍTULO 03: Plano de Aula	21
3.1 PRIMEIRA AULA	22
3.2 SEGUNDA AULA	25
3.3 TERCEIRA AULA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O tema da monografia é a memória e o espaço, elementos presentes na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca. A pesquisa tem como objeto de estudo relatar aspectos peculiares do narrador que, na verdade, vem ser o alter ego de Rubem Fonseca. Por quê?

O narrador especula características que refletem a formação do futuro escritor como a aprendizagem solitária da leitura, um verdadeiro devorador de livros e, quando se muda de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro, apreende os usos e costumes da Cidade Maravilhosa, os escândalos da época, as questões policiais, a violência urbana no asfalto e nas favelas, ainda em formação, as festas carnavalescas, as casas suspeitas e o comportamento social. Todos esses fatos são esmiuçados como se estivesse fazendo uma crítica dos costumes de época. O que tais considerações representam? A curiosidade, o detalhismo, a busca do mais escondido, as várias leituras de uma sociedade composta de desigualdades sociais que ora se excluem, ora se unem e que vão ser contemplados na trajetória estética dos textos literários de Rubem Fonseca.

O objetivo da pesquisa é mostrar como detalhes de casos com minúcia extrema são tratados e como as questões cidadinas da capital do Brasil, à época, são exploradas na sua trajetória estética. Para poder sustentar tal afirmação, a metodologia alicerçada em argumentos de autoridade como Vera Figueiredo, Walnice Galvão, Antonio Candido e muitos outros vão subsidiar a análise do *corpus*.

Convém destacar que a monografia se estrutura em três capítulos: o capítulo 1, que estabelece a relação entre memória e literatura; o capítulo 2, a importância de Rubem Fonseca na Literatura Brasileira Contemporânea e a extensão de seus tentáculos estéticos; e, finalmente, no capítulo 3, apresentar um Plano de Aula e expor o entrelaçamento do trabalho no sentido de que, em especial nesse capítulo (Plano de Aula), sejam observados que os elementos trabalhados foram tecendo fios para que a leitura de textos contemporâneos, centrados na relação memória e literatura, e conseqüentemente a fundamentalização desse encontro propiciasse a formação de leitores literários críticos.

Não se pode deixar de mencionar que a descoberta da cidade, pelo viés do personagem José, que iniciou no trabalho cedo, possibilitou evidenciar que a vida é uma aventura repleta de descobertas que vão tecendo os fios da memória dele; fios que se constituirão, futuramente, em suas obras.

CAPÍTULO 1

Memória e Literatura

Sabe-se que a memória é como a base do conhecimento. É através dela que dá-se significado ao cotidiano e acumulam-se experiências para utilizar durante a vida. É a capacidade de registrar, armazenar e manipular informações provenientes de interações entre a mente e o corpo, em contato com o mundo externo. É a base dos sentimentos ou de qualquer atitude cotidiana, que varia conforme os diferentes períodos da vida (gestação, infância, adolescência, senescência).

Endel Tulving¹, um dos líderes da pesquisa sobre memória, definiu-a como “viajar no tempo”², ou seja, a memória está relacionada à capacidade de lembrar o que aconteceu no passado, experimentando no presente vivências que fazem parte de seu passado. Para os gregos, “a memória era sobrenatural. Um dom a ser exercitado”.³ E para os romanos “a memória é considerada indispensável à arte retórica, uma arte destinada a convencer e emocionar os ouvintes por meio do uso da linguagem”.⁴ Com a invenção da imprensa, a sociedade que até então armazenava memórias de forma oral, passou a registrá-las e guardá-las em textos e imagens. E esse processo culmina com o surgimento do computador, que é uma máquina capaz de arquivar grandes quantidades de informações.

A Dr^a Silvia Helena Cardoso, profissional de saúde e educação, faz uma análise em relação ao conceito de memória:

O que faz lembrar de uma detalhada história ocorrida no passado? Como se deixar fluir naturalmente as frases complicadas de longas canções? Por que

¹ Endel Tulving: nasceu na Estônia, em 26 de maio de 1927, é psicólogo especialista em psicologia cognitiva; atualmente é Professor Doutor emérito nas áreas de percepção, cognição e neurociência cognitiva na Universidade de Toronto, no Canadá; em 2009 ganhou o Prêmio Internacional Pasteur-Weizmann/Servier, em Paris, por seu trabalho em neuropsicologia da memória. A investigação nesta área permite que haja avanços nas pesquisas terapêuticas no tratamento da doença de Alzheimer que caracteriza-se pela progressiva perda de memória.

² TULVING, Endel. *Episodic memory: from mind to brain*. Annual review of psychology. Canadá, 2002, vol. 53, p.19.

³ KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011, p. 1.

⁴ KESSEL, Zilda. *Idem*, p. 2.

não se esquece de como se dirige um automóvel? Nestes exemplos, a memória surge como um processo de retenção de informações no qual as experiências são arquivadas e recuperadas quando são chamadas. É uma função cerebral relacionada ao processo de retenção de informações obtidas em experiências vividas. (...) A memória é uma faculdade cognitiva extremamente importante porque ela forma a base para a aprendizagem. Se não houvesse uma forma de armazenamento mental de representações do passado, não teria uma solução para tirar proveito da experiência. Assim, ela envolve um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação de experiências, portanto, está intimamente associada à aprendizagem (habilidade de mudar o comportamento através das experiências que foram armazenadas na memória); em outras palavras, a aprendizagem é a aquisição de novos conhecimentos e a memória é a retenção daqueles conhecimentos aprendidos.

Esta intrigante faculdade mental forma a base do conhecimento, estando envolvida com a orientação no tempo e no espaço e as habilidades intelectuais e mecânicas.

Assim, aprendizagem e memória são o suporte para todo o conhecimento, as habilidades e o planejamento, para se considerar o passado no presente e prever o futuro.⁵

Na monografia, o *corpus* da pesquisa é a obra “José” (2011), de Rubem Fonseca, onde a categoria da memória se faz presente, bem como em relação à obra desse autor. As lembranças constituem subsídios para a trajetória literária desenvolvida pelo escritor.

A identidade está essencialmente fundada na memória, ela é uma linha que se liga ao passado, e não apenas o passado que se vivencia. Como lembra Le Goff: “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cujas buscas são uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.⁶

A subjetividade relacionada ao passado, sua matéria, acumula-se e se transforma em nosso ser na medida em que interage com novas experiências. O passado que nos forma, informa o presente, e também o futuro, dá o alívio da continuidade, da certeza de que se é.

É preciso destacar que o passado lembrado é ao mesmo tempo individual e coletivo. Todas as pessoas necessitam da memória de outras para se confirmar. Muito do que o indivíduo sabe sobre a infância foi contado pelos pais e avós. Sem

⁵ CARDOSO, Sílvia Helena. *Memória: o que é e como melhorá-la*. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>>. Acesso em: 24 set. 2011.

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 469.

esquecer que a memória individual existe, “ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente”.⁷

Como forma de preservar o passado, a memória ignora o movimento do tempo, misturando-se ao presente, transformando-o, tornando o presente mais confortável. Segundo Said:

A invenção do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez em outras formas.⁸ (1995, p. 33)

Dessa forma, Said ratifica que a evocação do passado é um fator de extrema importância na interpretação do presente, uma vez que, a partir de sua existência e de sua repercussão no presente, permite estabelecer estratégias para maior compreensão do que significa esse passado no presente contemporâneo.

A memória é o sinal de que se perdeu alguma coisa. Não se tivesse perdido nada, entrar-se-ia no ciclo da repetição e não haveria o que guardar na memória. A repetição garantiria a existência do passado no presente, não se precisaria consagrar um lugar à memória. Na medida em que se guarda alguma coisa, que se marca algum lugar, algum traço do passado, é já sinal que se está no campo da história, na compreensão de que as coisas mudaram, portanto, o que resta é a memória do que era, e daquilo que não se é/tem mais.

Torna-se importante destacar a respeito da prosa de ficção brasileira contemporânea, especialmente a praticada da metade dos anos 1990 até a primeira década do século XXI, que se deve deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que eram familiares até pouco tempo atrás. Tem-se que deixar os jargões tradicionais no trato do literário e conhecer termos que vão da antropologia ao vocabulário do misterioso universo da informática, tudo isso atravessado pelas necessárias reflexões políticas, vivenciadas hoje, no Brasil e, de modo geral em todo o mundo, em que o viés político tende a atravessar todas as atividades.

A fertilidade presente na prosa ficcional brasileira contemporânea faz com que os críticos apresentem temores em relação a variedades de assuntos que

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Taís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004, p. 14.

⁸ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 33.

constituem temas nessa ficção. Não se pode deixar de lado que se vive num mundo repleto de informações e que a imagem permeia todos os momentos. Há, em contrapartida, uma grande quantidade dos textos e o cuidado com a preparação da obra.

Convém evidenciar que a prosa ficcional brasileira contemporânea, e a de Rubem Fonseca, não escapa de um sentido de urgência, de presentificação, evidenciada por atitudes que ressaltam a necessidade de registro, seja via memória, seja como testemunho de um cotidiano aparentemente opaco, mas que está cheio de referências e constituem matéria ficcional.

Rubem Fonseca, autor do *corpus* da pesquisa, diante das novas configurações do tempo premido pela simultaneidade, não consegue imaginar o futuro ou reavaliar o passado sem compreender, minimamente o presente. Há, no entanto, um aspecto a ser realçado que é a presença do trágico nas sociedades contemporâneas e faz parte do literário e do cotidiano.

O trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino. Trágico e tragédia são termos que se incorporaram aos comentários sobre a vida cotidiana, especialmente quando se fala na vida das grandes cidades, *locus* de enunciação dos textos fonssequianos.

É sabido a importância, na ficção contemporânea, de vozes que expressam formas de resistência à ferocidade da ação da máquina especular e espetacular posta em marcha pelo capitalismo ultramodernista. Expressão fértil de uma das modalidades de resistência à reificação⁹ do homem, da arte, das relações sociais tão comuns na vida contemporânea, inclusive a avassaladora exigência da cultura do mercado, a recuperação da memória, não apenas voltada à crítica de problemas nacionais, sociais, políticos, mas especialmente filtrada pela experiência pessoal de cada autor. Nessa vertente pode-se enquadrar que a ficção de Rubem Fonseca e que na obra “José” (2011), marcando a adolescência e a parte da fase madura do personagem principal, é possível, via memória, evidenciar aspectos presentes na ficção fonssequiana.

⁹ Reificação: É um processo pela qual, nas sociedades industriais, o valor (de pessoas, de relações inter-humanas, de objetos, de instituições) apresenta-se à consciência como valor econômico, “valor de troca”; tudo vale como mercadoria. O homem, então, encontra-se mantido à sombra. Portanto a consciência torna-se prejudicada, devido a relação entre coisas (coisificação, mercadorias), que prevalecem sobre a relação entre pessoas.

No capítulo 2, serão observados os aspectos que marcam a ficção de Rubem Fonseca, subsidiada pela memória expressa na obra “José” (2011), objeto de estudo da pesquisa.

CAPÍTULO 2

Rubem Fonseca e Literatura Brasileira Contemporânea

A obra “José” (2011) de Rubem Fonseca, objeto de estudo da monografia, é uma ficção de memória, recordações das experiências vividas pelo personagem principal. José é filho de portugueses, nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, que aos oito anos de idade muda-se para Rio de Janeiro com sua família, e é a partir dessa situação que desencadeia todo o enredo da obra.

A narrativa está escrita em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que descreve as histórias de José que vão desde a infância até a sua maturidade, sem deixar de demonstrar a paixão dele por leitura e a grande admiração pela cidade carioca, pois são relatados em detalhes as ruas por onde o personagem caminhou e os locais que frequentou (as praias, os cinemas, os teatros, as confeitarias, as livrarias e outros lugares). As lembranças de José são narradas sem ordem cronológica.

Já no início da obra, observa-se a importância da categoria da memória. Segundo o narrador (e na visão de Alyosha Karamázov¹⁰, personagem de Dostoiévski¹¹) “as memórias preservadas desde a infância e que carregamos durante nossa vida são talvez a nossa melhor educação”.¹² Isto é, as lembranças devem ser preservadas como herança, pois são parte da história pessoal vividas na sociedade. Porém, o narrador diz que há quem pensa o contrário, porque segundo Joseph Brodsky¹³ “a memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte”.¹⁴ O indivíduo, ao se esquecer das lembranças (ou não preservá-las), nada tem sentido para si e, portanto, não tem identidade.

¹⁰ Alyosha Karamázov: personagem da obra *Os Irmãos Karamázov*. Último romance de Dostoiévski, publicado em 1879, trata de três irmãos, cada um com índoles diferentes. Essa obra recebeu elogios de escritores do mundo todo, em especial dos pensadores Nietzsche e Freud.

¹¹ Dostoiévski: foi um escritor russo e fundador do Realismo (escola literária que surgiu nas últimas décadas do século XIX na Europa).

¹² FONSECA, Rubem. *José*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.5

¹³ Joseph Brodsky: foi um poeta russo, naturalizado norte-americano. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1987.

¹⁴ FONSECA, Rubem. *Idem*, p.5

Para José, que cita Proust¹⁵, seu conceito de memória é “a lembrança das coisas passadas não é necessariamente a lembrança das coisas como elas foram”.¹⁶ Ou seja, na obra as recordações não ocorreram na sua exatidão, pois algumas foram inventadas ou esquecidas.

Uma última referência à categoria memória observa-se no final da obra, quando José, inspirado em Isaac Bashevis Singer¹⁷, conclui: “a história verdadeira da vida de uma pessoa jamais poderá ser escrita. Fica além do poder da literatura. A história plena de qualquer vida seria ao mesmo tempo absolutamente aborrecida e absolutamente inacreditável”.¹⁸

A personagem “tia Natália” exerce um papel especial, que influencia na educação do protagonista na sua infância, enviando-lhe livros e folhetos de literatura francesa¹⁹, textos nada infantis porque a maioria trata-se de golpes de estado, homicídios, conspiração criminosa, envenenamentos, cenas de amor, paixão, traição, etc.

A partir da pré-adolescência (oito anos de idade) de José são relatadas suas primeiras memórias na cidade carioca. É nessa fase que ele começa ler autores da literatura portuguesa²⁰ e da literatura universal²¹ (os livros de bolso eram, na maioria, romance policial). Quanto as mulheres, é nessa etapa que ele se encantou com a beleza delas: “se tornara precocemente sensível ao encanto feminino”²² (a primeira namorada que teve foi aos dez anos de idade). A leitura, portanto, sempre

¹⁵ Proust: foi um escritor francês, mais conhecido por sua obra *Em busca do tempo perdido*, publicada em sete partes entre 1913 e 1927.

¹⁶ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.6

¹⁷ Isaac Bashevis Singer: foi um escritor polonês, que viveu muitos anos nos Estados Unidos, onde escreveu e publicou sua obra. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1978.

¹⁸ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.163

¹⁹ Zévaco, Du Terrail e Alexandre Dumas são alguns escritores franceses citados na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca.

²⁰ Camões, Eça, Gil Vicente e Camilo Castelo Branco são alguns autores portugueses citados na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca.

²¹ Karl May, escritor alemão; J. Fenimore Cooper, escritor norteamericano e Edgar Wallace, escritor inglês, são alguns autores citados na obra “José” (2011) de Rubem Fonseca.

²² FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.57 e p.103

acompanhou José até conhecer as ruas do Rio. A cidade carioca chamou a sua atenção e era a única coisa que o fazia parar de ler:

No início dos seus dias no Rio, José continuou lendo tudo que encontrava (...). Mas agora a leitura encontrara uma rival, a cidade, e José parava de ler a fim de perambular pelas ruas do centro, quando conseguia escapar da vigilância da sua mãe. E as imagens, os sons e os cheiros daquela cidade chamada São Sebastião do Rio de Janeiro o despertaram para outra realidade e lhe fizeram descobrir um novo e atraente mundo, deram-lhe uma nova vida.²³

A adolescência do personagem principal é marcada por um dos momentos característicos dessa etapa: o *bullying*. O narrador relata que José, aos doze anos de idade, não gostava da “maioria dos alunos”, pois eram misóginos e homofóbicos. Com isso, é descrito como José defendeu Ivo C., um colega efeminado, quanto a atitude violenta de seus colegas do colégio:

A maioria dos alunos era misógina e homofóbica, duas características que irritavam José. Havia no colégio um aluno chamado Ivo C., um homossexual efeminado. José não informa o nome dele por extenso, pois não quer identificá-lo. E sempre que Ivo C. ia ao banheiro, que ficava numa espécie de porão, quando voltava subindo as escadas, os homofóbicos enfiavam o dedo no ânus dele, mesmo por cima da roupa, e Ivo dava saltinhos e gritinhos e os pulhas gargalhavam. Aquilo irritava José de tal maneira que um dia ele perdeu a paciência, armou-se com um facão que pegou em casa e ficou na escada que levava ao banheiro. José agarrou pelo cangote o primeiro sujeito que enfiou o dedo no ânus do Ivo C. e roçou a faca na cara dele dizendo, “seu filho da puta, na próxima vez que fizer isso eu vou cortar fora os seus colhões”. Os outros agressores pararam na escada e José repetiu aos brados, “ouviram, seus merdas, vou cortar os colhões e depois enfiar pela goela de vocês”.
Nunca mais enfiaram o dedo no ânus do Ivo C.²⁴

Outras experiências da adolescência de José são narradas, como, por exemplo, o primeiro emprego de entregador de encomendas de “uma pequena oficina que fazia bolsas e carteiras de couro”²⁵ no centro da cidade, a primeira vez

²³ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.35-36

²⁴ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.38

²⁵ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.36

que ele viu o mar²⁶; o momento quando o personagem começou a frequentar o cinema (descobriu outra arte que lhe dava prazer tanto quanto a literatura)²⁷, o Museu Nacional de Belas Artes²⁸, o Theatro Municipal²⁹, a Biblioteca Nacional, as livrarias³⁰ (onde leu lançamentos da literatura brasileira); as primeiras leituras da literatura portuguesa³¹; a primeira vez que José assistiu desfile de escola de samba³² (para ele não é apenas uma manifestação artística, mas sim social e cultural), baile de carnaval³³; a primeira traição (desilusão) amorosa³⁴, entre outros.

Quanto à juventude de José, o narrador destaca o lado boêmio vivido no bairro da Lapa. Para o personagem, os “frequentadores da Lapa” (cafetões, putas, vagabundos, mendigos, artistas e boêmios em geral) são “normais e bem comportados”.³⁵ Desta etapa, são relatados também quando ele passou no vestibular para o curso de Direito³⁶ (direito criminal e medicina legal eram as matérias preferidas dele³⁷); também quando teve de interromper os estudos porque foi preso³⁸ em razão de não ter se apresentado ao serviço militar em Minas Gerais, quando o convocaram; como se tornou escritor³⁹ (os contos foram seus primeiros

²⁶ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.41-42

²⁷ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.44-47

²⁸ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.51

²⁹ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.52

³⁰ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.54

³¹ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.55

³² FONSECA, Rubem. Ibidem, p.84

³³ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.95

³⁴ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.143

³⁵ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.70

³⁶ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.119

³⁷ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.129

³⁸ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.121

³⁹ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.134

trabalhos); a morte de seus pais e de seus irmãos⁴⁰, e termina com a sua formatura em Direito, quando começa a trabalhar como advogado criminalista.

Rubem Fonseca é conhecido por ter inaugurado a Literatura Brasileira Contemporânea, em 1963, com o lançamento do livro “Os Prisioneiros” que, segundo Karl Erik Schollhammer, está caracterizada “pelas descrições e recriações da violência social, entre bandidos, prostitutas, leões-de-chácara, policiais corruptos e mendigos”.⁴¹ O autor retrata uma violência que até então não era publicada no Brasil, uma violência que faz parte da sociedade nos grandes centros urbanos brasileiros, desde a década de 1970⁴², devido ao aumento das diferenças sociais. E o cenário que Fonseca mais utiliza na sua obra é o Rio de Janeiro.

Um dos aspectos do escritor, observado na obra “José” (2011), é o de utilizar elementos fortes da oralidade, uma linguagem também violenta:

A recriação literária de uma linguagem coloquial ‘chula’ (...) representava a vontade de superar as barreiras sociais da comunicação e, ao mesmo tempo, imbuir a própria linguagem literária de uma nova vitalidade para poder superar o impasse do realismo tradicional diante da moderna realidade urbana.⁴³

Observa-se que ao escritor Rubem Fonseca lhe interessa registrar os dois lados da sociedade carioca, os que vivem à margem do sistema e os que têm privilégios do mesmo. Além de constantemente comparar o Rio de Janeiro de ontem com o dos dias de hoje.

Outro aspecto observado na obra “José” (2011) é a mescla de ficção com aspectos históricos, como o das escolas de samba (quando começaram a desfilar no Sambódromo⁴⁴) ou como no retrato de Dom Pedro, o imperador do Brasil⁴⁵.

⁴⁰ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.151

⁴¹ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, p.35

⁴² SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Idem*, p.38

⁴³ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ibidem*, p.36

⁴⁴ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.101

⁴⁵ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.64-65

Faz-se necessário ressaltar, no final de “José” (2011), o aspecto do homem solitário, que está sujeito às virtudes e aos vícios do cotidiano da sociedade contemporânea e que, ao fazer uso da memória, encontra-se numa constante busca de sua identidade, tanto individual como no coletivo, com a predominância de seus valores na sociedade onde a moral e a ética foram dissolvidas, onde não existe o herói nem o vilão. Portanto, a obra “José” (2011) permite que o leitor faça uma reflexão da história da vida pessoal, promovendo a relação entre memória e literatura, em busca de uma consciência crítica da/na sociedade.

A Literatura Brasileira Contemporânea é caracterizada por documentar as cidades urbanas e seus problemas, como a burguesia, a ascensão social, a luta de classes, a violência urbana, a solidão, a angústia, a marginalização, etc. É marcada também pelo surgimento da Geração 90, em que os autores não estão preocupados com a ambientação, mas em criar cenários onde a rua e a cidade são tendência.

No capítulo 3 da presente monografia, o tema a memória da cidade do Rio de Janeiro será aplicado em um contexto escolar para mostrar como se pode trabalhar essa temática, possibilitando a formação de leitores conscientes do processo de leitura.

CAPÍTULO 3

Plano de Aula

Professora: Juliana de Sousa Nascimento.

Turma: Ensino Médio.

Disciplina: Literatura Brasileira.

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Assunto: Memória e aspectos da Literatura Brasileira Contemporânea presentes na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca.

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer aspectos da sociedade na literatura brasileira contemporânea presentes na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca. • Compreender aspectos da linguagem utilizada na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar os aspectos da sociedade carioca presentes na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca. • Relacionar alguns aspectos da cidade do Rio de Janeiro, presentes na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca, como usos e costumes dos anos 30 e a linguagem. • Identificar a categoria da memória na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca, e sua importância na produção futura do escritor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentando aula expositiva. • Debatendo o estudo com o objetivo de que haja um relacionamento entre os alunos e professor-aluno. • Exercitando o aprendizado com atividades diversificadas, como por exemplo: lendo trechos do livro, ouvindo músicas e assistindo documentários.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER, Carlos. *Rio 40 Graus*. Produzido por Fernanda Abreu e Chico Science & Nação Zumbi. CD Raio X. Emi music, 1997.

ALCIONE. *Gostoso veneno*. Rio Antigo. Philips, 1979. Disponível em: <<http://www.alcioneamarrom.com.br/>> Acesso em: 24 nov. 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ELLUSRJ. *Rio Antigo: Alcione: Chico Anysio*. 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2q5zgzxqol8>> Acesso em: 24 nov. 2011.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Os crimes do texto*. Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FONSECA, Rubem. *José*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

LEOMONTEIRO. *Rio belle époque*. 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cmfQpCkZiYM>> Acesso em: 24 nov. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

3.1 PRIMEIRA AULA

Iniciar a aula, entregando aos alunos dois trechos da obra “José” (2011) de Rubem Fonseca que tratem da sociedade do Rio de Janeiro, período em que se desenvolve o enredo.

Trecho 01:

“(…) José fizera exame de admissão para o Colégio Pedro II e passara com facilidade. Mas o Pedro II não tinha curso noturno e, como tinha que trabalhar durante o dia, José só poderia estudar à noite. Assim, matriculou-se num colégio chamado ISP, na rua Vieira Fazenda, que tinha curso ginásial noturno. Os alunos eram de classe média baixa. (...)”⁴⁶

(…) A maioria dos alunos era misógina e homofóbica, duas características que irritavam José. Havia no colégio um aluno chamado Ivo C.,

⁴⁶ FONSECA, Rubem. *José*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.36

um homossexual efeminado. José não informa o nome dele por extenso, pois não quer identificá-lo. E sempre que Ivo C. ia ao banheiro, que ficava numa espécie de porão, quando voltava subindo as escadas, os homofóbicos enfiavam o dedo no ânus dele, mesmo por cima da roupa, e Ivo dava saltinhos e gritinhos e os pulhas gargalhavam. Aquilo irritava José de tal maneira que um dia ele perdeu a paciência, armou-se com um facão que pegou em casa e ficou na escada que levava ao banheiro. José agarrou pelo cangote o primeiro sujeito que enfiou o dedo no ânus do Ivo C. e roçou a faca na cara dele dizendo, ‘seu filho da puta, na próxima vez que fizer isso eu vou cortar fora os seus colhões’. Os outros agressores pararam na escada e José repetiu aos brados, ‘ouviram, seus merdas, vou cortar os colhões e depois enfiar pela goela de vocês’.

Nunca mais enfiaram o dedo no ânus do Ivo C. (...)”⁴⁷

Trecho 2:

“(…) A Lapa para José sempre foi um lugar tranquilo. O escritor Ribeiro Couto, um dos cronistas da cidade, escreveu: ‘na Lapa posso olhar melhor os homens decaírem, decaírem, roídos pelo vício’. Mas isso foi em 1924, antes de José ter nascido. Para ele, os frequentadores da Lapa – cafetões, putas, vagabundos, mendigos, artistas e boêmios em geral – não pareciam ‘roídos pelo vício’, porém normais e bem comportados.

Mas existia uma mitologia, perversa e romântica, ligada à Lapa: o lendário Madame Satã, um malandro homossexual capaz de enfrentar a polícia e de vencer brigas fantásticas; os cafetões assustadores que desfiguravam com navalhadas o rosto das prostitutas que exploravam; os suicídios, as mortes e as ruínas de burgueses de boa família, causados por deslumbrantes hetairas francesas; o tráfico de escravas brancas, comandado por uma lendária entidade internacional conhecida como Zwig Migdal. (...)”⁴⁸

(…) No início dos anos 1980 a Lapa teve uma espécie de renascimento e entrou na moda junto à classe média da zona sul, principalmente entre os jovens. Hoje existe na Lapa uma profusão de restaurantes, boates, cabarés,

⁴⁷ FONSECA, Rubem. Idem, p.37-38

⁴⁸ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.70-71

botequins, prostíbulos que dão oportunidade de diversão para muitas pessoas”.⁴⁹

Após a leitura, comentar com os alunos aspectos da sociedade do Rio de Janeiro (à época do enredo) e fazer uma comparação com a cidade na atualidade. Destacar os usos e costumes anteriores e dar ênfase à cidade violenta.

Perguntar aos alunos se conhecem o autor Rubem Fonseca. Caso não conheçam, a professora deverá elaborar e apresentar, na próxima aula, *slides* sobre o autor (com retratos, as obras, as características, destacando a sua importância para a literatura brasileira, que se baseiam no Rio de Janeiro, no cotidiano e na violência). Explicar sobre os dois trechos lidos, que foram escritos em 2011 e que o autor tem 86 anos (e que, apesar da idade, as suas obras contêm muitos aspectos da atualidade, característicos da cultura urbana).

Por quê?

Ser atual, para Rubem Fonseca, é estar “ligado” aos problemas que afligem o mundo contemporâneo globalizado, em destaque à banalidade da violência urbana. No livro “José” (2011), Rubem Fonseca rememora a sua chegada à cidade de Juiz de Fora... (a professora deve fazer uma síntese da obra: No livro são narrados as memórias do personagem principal, José. Na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, seu pai - que tinha “muita ambição e esperança”⁵⁰ - decidiu abrir uma loja que durante um tempo foi “um grande sucesso”⁵¹. Desde então sua família viveu com “conforto e tranquilidade”⁵² até o momento em que seu pai passou por “problemas financeiros”⁵³ para continuar investindo no comércio. Com isso, seu pai teve de vender tudo para pagar as dívidas, inclusive a casa onde moravam, e conseguiu pagá-las “na íntegra”⁵⁴.

⁴⁹ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.78

⁵⁰ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.20.

⁵¹ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.21.

⁵² FONSECA, Rubem. Ibidem, p.26.

⁵³ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.27.

⁵⁴ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.27.

Em razão disso, seus pais decidiram que a família tinha de mudar para Rio de Janeiro e esquecer do “sonho fracassado”⁵⁵ vivido em Juiz de Fora. É então que José, aos oito anos de idade, mudou-se para Rio de Janeiro, local onde se desenvolve o enredo do livro e são narrados muitas recordações de outras etapas de sua vida - infância, adolescência e juventude).

O que se pode destacar do Rio antigo ao Rio atual é que, esse Rio antigo estará presente na memória de Rubem Fonseca e irá constituir elemento fundamental na sua produção literária futura.

Para finalizar a primeira aula, será solicitado aos alunos que, para a terceira aula, levem recortes sobre o Rio antigo e o Rio atual.

3.2 SEGUNDA AULA

A aula será iniciada com o desenvolvimento da seguinte atividade: apresentar um documentário sobre o Rio de Janeiro antigo.⁵⁶

Finalizando a apresentação, estabelecer ligação entre as imagens presentes no documentário e nos seguintes trechos do livro.

Trecho 03:

“(...) No início da adolescência de José, sua família se mudou para um sobrado na rua Evaristo da Veiga, quase na esquina da Treze de Maio, que ficava sobre uma loja que vendia peças de automóvel chamada Casa Serafim Ferreira. (...) Da sua janela ele podia ver, um pouco adiante, na avenida Rio Branco, a Biblioteca Nacional, e ainda mais perto, na Treze de Maio, o Theatro Municipal. Havia um bonde especial, para transportar homens e mulheres vestidos a rigor que iam assistir aos espetáculos do teatro, conhecido como ‘bonde de ceroulas’, pois todos os seus bancos eram cobertos por uma capa

⁵⁵ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.28.

⁵⁶ LEOMONTEIRO. *Rio belle époque*. 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cmfQpCkZiYM>> Acesso em: 24 nov. 2011.

de imaculado linho bege-claro. José olhava essas pessoas descerem do bonde, que parava ao lado do teatro, na rua Treze de Maio. As mulheres desciam com alguma dificuldade devido aos modelos que usavam, pois eram altos os estribos do bonde. Depois José as via caminharem para o teatro, ajeitando estolas e casacos de pele, saias, enquanto os homens acomodavam-se em seus paletós de smoking e gravatas-borboleta, preparando-se para a entrada, que pretendiam ser triunfante, no foyer brilhantemente iluminado do teatro. (Os bondes deixaram de existir, e seu lugar não foi ocupado por nenhum outro tipo de veículo movido à energia elétrica que trafegasse na superfície das ruas. Não havia preocupações com a poluição atmosférica.) (...).⁵⁷

Trecho 04:

“(...) Os bailes de Carnaval demoraram ainda alguns anos para se tornarem realmente populares. Com o passar do tempo, surgiram bailes de todos os tipos. Para ricos, em locais como o Theatro Municipal, felizmente proibidos, quando perceberam que os folgazões destruíam as ricas instalações do teatro.

José lembra-se de ter ido a um desses bailes de Carnaval e ficado revoltado ao ver hordas de louras gordas oxigenadas, ricamente fantasiadas, sentadas sobre as bordas alcochoadas de veludo das frisas e dos camarotes, com as pernas nuas para fora, batendo com os saltos dos sapatos no bojo das paredes, ao som das marchas carnavalescas; viu pessoas jogando cigarros acesos, restos de bebidas e vomitando sobre as passadeiras vermelhas dos corredores e das escadas. Para os pobres e remediados, muitos clubes esportivos ou recreativos promoviam bailes, em salões ou quadras de esporte; mas havia locais que só funcionavam no Carnaval, como o famoso High Life, na rua Santo Amaro, onde ele assistiu ao seu primeiro baile, ainda adolescente, surpreso com a licenciosidade que imperava nos salões, algo que não via nas ruas. (...) A maioria dos foliões não brincava em bailes, divertia-se nas ruas, nos blocos de sujos ou nos bondes que trafegavam na cidade, dependurados nos seus estribos, sentados ou em pé no interior do veículo,

⁵⁷ FONSECA, Rubem. Ibidem, p.52-53

cantando as músicas carnavalescas. Os bondes da zona sul, que vinham com destino ao centro passando pela rua Treze de Maio, entravam na galeria Cruzeiro, que era o ponto final, e faziam o seu retorno pela rua Senador Dantas. (...)⁵⁸

A próxima atividade, apresentar duas músicas aos alunos para, em seguida, debater com eles as peculiaridades do Rio antigo e do Rio atual, presentes na música *Rio Antigo*, de Chico Anysio e Nonato Buzar⁵⁹, interpretada por Alcione⁶⁰, e na música *Rio 40 Graus*, de Fernanda Abreu⁶¹. Comentar sobre o que trata a letra de cada música e perguntar aos alunos se observaram as diferenças entre as músicas:

Rio Antigo⁶²

Quero um bate-papo na esquina
 Eu quero o Rio antigo com crianças na calçada
 Brincando sem perigo, sem metrô e sem frescão
 O ontem no amanhã

Eu que pego o bonde 12 de Ipanema
 Pra ver o Oscarito e o Grande Otelo no cinema
 Domingo no Rian
 Me deixa eu querer mais, mais paz

Quero um pregão de garrafeiro
 Zizinho no gramado, eu quero um samba sincopado

⁵⁸ FONSECA, Rubem. *Ibidem*, p.95-98

⁵⁹ CHICO, Anysio; BUZAR, Nonato. *Rio Antigo*: Alcione. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/alcione/rio-antigo.html>> Acesso em: 24 nov. 2011.

⁶⁰ ALCIONE. *Gostoso veneno*. Philips, 1979. Disponível em: <<http://www.alcioneamarrom.com.br/>> Acesso em: 24 nov. 2011.

⁶¹ ABREU, Fernanda. Disponível em: <<http://fernandaabreu.uol.com.br/home.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

⁶² ELLUSRJ. *Rio Antigo*: Alcione: Chico Anysio. 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2q5zgzxql8>> Acesso em: 24 nov. 2011.

Baioba, bagageiro e o desafinado que o Jobim sacou

Quero o programa de calouros com Ary Barroso
O Lamartine me ensinando um lá, lá, lá, lá, lá, gostoso
Quero o Café Nice de onde o samba vem

Quero a Cinelândia estreando "E o Vento Levou"
Um velho samba do Ataulfo que ninguém jamais gravou
PRK 30 que valia 100
Como nos velhos tempos

Quero o carnaval com serpentina
Eu quero a Copa Roca de Brasil e Argentina
Os Anjos do Inferno, 4 Ases e Um Coringa
Eu quero, eu quero porque é bom

É que pego no meu rádio uma novela
Depois eu vou à Lapa, faço um lanche no Capela
Mais tarde eu e ela
Nos lados do Hotel Leblon

Quero um som de fossa da Dolores
Uma valsa do Orestes, zum-zum-zum dos Cafajestes
Um bife lá no Lamas
Cidade sem Aterro como Deus criou

Quero o chá dançante lá no clube com Waldir Calmon
Trio de Ouro com a Dalva, estrela Dalva do Brasil
Quero o Sérgio Porto e o seu bom humor

Eu quero ver o show do Walter Pinto com mulheres mil
O Rio aceso em lampiões e violões que quem não viu
Não pode entender o que é paz e amor.

Rio 40 Graus⁶³

Rio 40 graus

Cidade maravilha

Purgatório da beleza e do caos

Capital do sangue quente do Brasil

Capital do sangue quente

Do melhor e do pior do Brasil

Cidade sangue quente

Maravilha mutante

O rio é uma cidade de cidades misturadas

O rio é uma cidade de cidades camufladas

Com governos misturados, camuflados, paralelos

Sorrateiros ocultando comandos

Comando de comando submundo oficial

Comando de comando submundo bandidaço

Comando de comando submundo classe média

Comando de comando submundo camelô

Comando de comando submáfia manicure

Comando de comando submáfia de boate

Comando de comando submundo de madame

Comando de comando submundo da tv

Submundo deputado - submáfia aposentado

Submundo de papai - submáfia da mamãe

Submundo da vovó - submáfia criancinha

Submundo dos filhinhos

⁶³ ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER, Carlos. *Rio 40 Graus*. Produzido por Fernanda Abreu e Chico Science & Nação Zumbi. CD Raio X. Emi music, 1997.

Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante

Rio 40 graus...

Quem é dono desse beco?
Quem é dono dessa rua?
De quem é esse edifício?
De quem é esse lugar?

É meu esse lugar
Sou carioca, pô
Eu quero meu crachá
Sou carioca

“Canil veterinário é assaltado liberando
Cachorrada doentia
Atropelando na xinxá das esquinas
De macumba violenta
Escopeta de sainha plissada
Na xinxá das esquinas de macumba gigantesca
Escopeta de shortinho de algodão”

Cachorrada doentia do joá
Cachorrada doentia são cristóvão
Cachorrada doentia bonussucesso
Cachorrada doentia madureira
Cachorrada doentia da rocinha
Cachorrada doentia do estácio

Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante

Rio 40 graus...

A novidade cultural da garotada
Favelada, suburbana, classe média marginal
É informática metralha
Sub-azul equipadinha com cartucho musical
De batucada digital

Meio batuque inovação de marcação
Pra pagodeira curtição de falação
De batucada com cartucho sub-uzi
De batuque digital, metralhadora musical

De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera funk
De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera samba
De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera tiroteio
De gatilho digital
De sub-uzi equipadinha
Com cartucho musical
De contrabando militar
Da novidade cultural
Da garotada da favelada suburbana
De shortinho e de chinelo
Sem camisa carregando
Sub-uzi e equipadinha
Com cartucho musical
De batucada digital

Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante

Rio 40 graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza e do caos.

3.3 TERCEIRA AULA

A aula será iniciada com o recebimento dos recortes solicitados na primeira aula. Explicar que a turma será dividida em 2 grupos: um irá trabalhar com os recortes sobre o Rio antigo e o outro grupo irá desenvolver sobre o Rio atual, cada grupo irá criar um mural, respectivo ao tema solicitado.

Apresentar outro documentário, mas sobre o Rio atual, *Rio de Janeiro – Cidade Sede – COPA 2014*⁶⁴, do Ministério do Turismo. Após a apresentação, debater com os alunos o que foi “vendido” para a FIFA como destaque do Brasil (Rio de Janeiro) como sede da Copa do Mundo de 2014.

Para o debate, questionar com os alunos:

1. Qual a cidade mais bonita?
2. No primeiro documentário, sobre o Rio antigo, que aspectos da sociedade predominam?
3. Quais os usos e costumes de época?
4. E em relação ao segundo documentário, qual a importância da tecnologia para “maquiar” um produto?
5. Vivemos na era da imagem, que predomina na sociedade contemporânea. Ou seja, o “ter” em detrimento do “ser”. O Rio de Janeiro visto nos textos escolhidos, da obra “José” (2011), de Rubem Fonseca, e lidos em sala de aula, estabelecem parâmetros para esse Rio atual? De que forma?

⁶⁴ BRASIL. Ministério do Turismo. *Rio de Janeiro: cidade sede: copa 2014*. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/guia_sedes/Rio_de_Janeiro/index.html?id_menu=rj_menu> Acesso em: 24 nov. 2011.

O Rio atual com violência, agressões, urbanização desordenada, desenvolvimento não-sustentável, a cultura do dinheiro, entre outros aspectos constituem elementos predominantes nas obras futuras de Rubem Fonseca. Explicar aos alunos o aspecto da memória (falar um pouco), presente na obra “José” (2011), de Rubem Fonseca, que é uma categoria importante, utilizado pelo autor para criticar o passado, no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rubem Fonseca é um dos escritores mais importantes e influentes da literatura brasileira contemporânea. “José” (2011) é a sua obra mais recente que exprime a importância da memória, que caracteriza a formação da personalidade do jovem na sua fase de desenvolvimento moral em uma sociedade afetada pela violência.

Na obra analisada, foram observados trechos em que o autor utiliza aspectos do cotidiano que foram contextualizados de acordo com o tempo e o espaço, cujo *locus* é o Rio de Janeiro e que, posteriormente, são trabalhados nos vários livros: seja explicitando aspectos da violência urbana, carioca, seja evidenciando as desigualdades sociais, seja desmistificando uma sociedade baseada em valores lineares, seja expondo a ilegalidade da instituição policial no Brasil.

Em “José” (2011), têm-se os alicerces das suas obras futuras, apesar de ter a memória como categoria principal, mas que funciona como maneira de ler o passado com os olhos no presente. E qual é o presente que a obra “José” (2011) apresenta? Destaca os elementos de uma memória que vai se alicerçando com o passar do tempo e possibilitou a construção estética de textos, que reafirmam aspectos presentes no inconsciente do autor que vão se revelando à medida em que surgem contextos, nos quais textos são nutridos pelas observações guardadas e desejosas de serem evidenciadas para o público.

O ensino de Literatura Brasileira Contemporânea é importante para que os alunos, do Ensino Médio, possam refletir a respeito da realidade presente na obra e da realidade em que os cercam.

Portanto, a leitura literária enriquece o conhecimento para que se possa refletir, criticar, criar e ampliar a sabedoria diante da vida, com uma visão de mundo que engrandece a própria pessoa. Afinal, o escritor escreve para expressar, ficcionalmente, uma realidade que simbolicamente o indivíduo procura ocultar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER, Carlos. *Rio 40 Graus*. Sla 2 Be Sample. Emi-odeon, 1992.

ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER, Carlos. *Rio 40 Graus*. Produzido por Fernanda Abreu e Chico Science & Nação Zumbi. CD Raio X. Emi music, 1997.

ALCIONE. *Gostoso veneno*. Philips, 1979. Disponível em: <<http://www.alcioneamarrom.com.br/>> Acesso em: 24 nov. 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Rio de Janeiro: cidade sede: copa 2014*. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/guia_sedes/Rio_de_Janeiro/index.html?id_menu=rj_menu> Acesso em: 24 nov. 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Silvia Helena. *Memória: o que é e como melhorá-la*. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>>. Acesso em: 24 set. 2011.

_____, Silvia Helena. *Silvia Helena Cardoso, PhD*. Disponível em: <<http://www.silviacardoso.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2011.

CHICO, Anysio; BUZAR, Nonato. *Rio Antigo: Alcione*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/alcione/rio-antigo.html>> Acesso em: 24 nov. 2011.

ELLUSRJ. *Rio Antigo: Alcione: Chico Anysio*. 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2q5zgzxqol8>> Acesso em: 24 nov. 2011.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Os crimes do texto*. Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FONSECA, Rubem. *José*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

GALVÃO, Walnice. *Gatos de outros sacos*. Ensaios críticos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Taís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEOMONTEIRO. *Rio belle époque*. 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cmfQpCkZiYM>> Acesso em: 24 nov. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, 2007.

TULVING, Endel. *Episodic memory: from mind to brain*. Annual review of psychology. Canada, 2002.